



**“MULHERES PERFEITAS”: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA SOCIEDADE
E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

***"STEPFORD WIVES": AN ANALYSIS FROM THE POINT OF VIEW OF
SOCIETY AND GENDER RELATIONS***

Jennifer da Motta PERRONI¹
Ana Claudia Correia NOGUEIRA²
Graziella do Ó³

Resumo

O presente trabalho pretende lançar um olhar para as relações de gênero e o disciplinamento dos corpos que se observa em nossa sociedade. Como pano de fundo desta reflexão, fazemos a leitura do filme *Mulheres Perfeitas*, onde as relações de poder existentes entre homens e mulheres atinge o ápice do condicionamento e modelamento de corpos, identidade e subjetividade. Neste sentido, este trabalho busca discutir as relações sociais perpassadas pelas questões de gênero em nossa sociedade, visando compreender e analisar como essas relações são estabelecidas sutilmente. O resultado deste esforço está exposto em dois momentos, o primeiro destina-se a contextualizar a sociedade contemporânea, questão de gênero e identidade feminina. No segundo, nos aproximamos do conceito de comunidade, compreendido aqui enquanto um espaço privilegiado para os estudos acerca das sociabilidades. Assim, a partir da observação da fictícia Stepford nos propomos a pensar a construção das relações sociais, pautadas nas questões gênero.

Palavras-chave: Sociedade, Identidade, Corpos, Feminilidade e Gênero.

Abstract

This article intends aims to observe the gender relations and the body disciplining that can be found in our society. As background of this reflection, we do a reading of the movie *Mulheres Perfeitas*, where the power relations existing between men and women reach the apex of conditioning and modeling bodies, identity and subjectivity. In this sense, this article intends to discuss the gender related issues existing in our society, aiming to understand and analyze how this relations are established in a subtle way. The outcome of this effort is showed in two moments, the first is to contextualize contemporary society, gender and female identity. In the second, we approach the concept of community, understood here as a privileged space to study sociability. Thus, from the observation of the fictitious Stepford we propose to think the building of social relations, based on gender issues

Keywords: Society, Identity, Bodies, Femininity e Gender.

¹Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense. Mestranda em Política Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: perroni.uff@gmail.com

² Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense. Pós-graduada em Serviço Social pelo Instituto Nacional de Câncer – INCA. Mestranda em Política Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense – UFF.

³ Bacharel em Comunicação Social pela UNESA. Mestranda em Política Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: grazielladoo@hotmail.com

Introdução

Os ideais de beleza e de comportamentos preconizados pela sociedade e veiculados na mídia impõem-se como necessidade social, atravessando hoje, em diferentes proporções, todos os segmentos sociais, implicando no caso a ser estudado, a própria noção de identidade feminina. Este estudo propõe tecer algumas considerações acerca das questões de gênero presentes no filme *Mulheres Perfeitas* dirigido por Frank Oz baseado no romance “As mulheres de Stepford” de Ira Levin.

O filme *Mulheres Perfeitas* nos apresenta a história do casal Joanna Eberhart – vivida pela atriz Nicole Kidman – e Walter Kresby, interpretado por Matthew Broderick. Ela, uma típica mulher bem sucedida de Manhattan, ele um marido doce e gentil que apóia a esposa. Após Joanna ser demitida da presidência de uma emissora de televisão e enfrentar uma crise matrimonial, seu marido pede demissão da vice-presidência da empresa onde trabalhava com a esposa e resolve se mudar para Stepford, um lugar onde aparentemente, todas as mulheres correspondem ao ideal masculino de perfeição. Corpos perfeitos, a personalidade doce, os vestidos florais, tudo reporta a uma feminilidade com a qual poucas mulheres hoje concordariam em assumir.

No entanto Joanna não consegue ser perfeita como as demais mulheres e se torna amiga das únicas pessoas que reconhece como “normais” na cidade, os recém-chegados: Bobbie Markowitz (Bette Midler), escritora relaxada e que vai contra tudo o que se vê em Stepford, e Roger Bannister (Roger Bart), um homossexual famoso que tenta salvar o casamento.

O presente trabalho pretende, tendo como pano de fundo a análise do filme supracitado, trazer algumas considerações sobre os temas: identidade, corpo, comunidade e os mecanismos de sociabilidade de construção de feminilidades e masculinidades. Antes de prosseguirmos, no entanto, é importante apontar que nos apoiamos em alguns pressupostos teóricos.

Primeiramente compreendemos o sexo – bem como as relações entre os diferentes sexos, entendidas aqui como relações de gênero – como resultados de construções sociais. Louro (1996) define gênero como uma construção social, no que se refere às funções e atributos considerados próprios dos homens e das mulheres. Deve ser considerado como construção social, ou seja, como produto e processo da própria sociedade. Não se trata, portanto de um fenômeno natural.

Enfatiza-se que “as relações sociais são compostas por uma pluralidade de processos e fenômenos sociais nos quais as dimensões de gênero encontram um lugar relevante” (VELOSO; BEZERRA, 2004, p. 107), e que têm uma dimensão importante no corpo. O gênero é introjetado e “corporificado”. Assim, consideramos que se aprende a ser homem, tanto quanto se aprende a ser mulher. Da mesma forma nos colocamos na mesma perspectiva de Swain (2001) para quem as representações de gênero não apenas se reproduzem em papéis sociais definidos como masculinos e femininos, como também se expressam através do modelamento dos corpos.

Analisando as relações de gênero a partir da ótica da dominação masculina, Bordieu (1995) afirma que a dominação masculina em suas diversas formas criou o “mito da beleza”, imposto às mulheres como forma de violência simbólica, transformando a imagem corporal em um capital (físico) passível de troca efetiva, financeira, entre outras.

Outra consideração necessária a esta discussão se refere ao fato de que, aproximando-nos de Castells (2008) compreendemos a identidade como um processo de construção de significados a partir dos quais um indivíduo imputa sentido as suas ações. Da mesma forma, compreendemos que a identidade serve não apenas para incluir num grupo social aqueles que nos são próximos como também age como elemento de distinção entre nós e os outros.

As referências teóricas e evidências empíricas apresentadas neste filme, darão escopo a construção deste debate. O resultado deste esforço está exposto em dois momentos, o primeiro destina-se a contextualizar a sociedade contemporânea, questão de gênero e identidade feminina. Inicialmente, abordamos um debate teórico acerca dos novos contornos que identidade e corpo assumem nesse contexto das relações sociais – importante apontar que devido à escolha do filme, interessa-nos particularmente o debate travado em torno de uma possível identidade feminina bem como sobre o modelamento desses corpos. No segundo momento, nos aproximaremos do conceito de comunidade, compreendido aqui enquanto um espaço privilegiado para os estudos acerca das sociabilidades. Assim, utilizaremos a fictícia Stepford para pensarmos a construção das relações sociais, pautadas nas questões de gênero.

“A Leveza e o Peso” identidade e o corpo na pós-modernidade

A célebre frase de Karl Max em seu **Manifesto comunista**, de 1845, e que se tornou título do livro de Marshall Berman, dá vida novamente aos múltiplos significados dos tempos atuais. De novo, “tudo que é sólido desmancha-se no ar”. Diante desta noção de fluidez, o autor define a modernidade enquanto autotransformação incessante das coisas. Ressalta-se a importância de se reconhecer as diferenças que se colocam entre autores como Berman, Debord e Bauman em torno do reconhecimento de uma (pós) modernidade, o que os tornam distantes do ponto de vista das correntes sociológicas, mas todos eles reconhecem o caráter instável que a modernidade assume. E isso talvez os aproxime.

É preciso apontar que, quer nos aproximemos da perspectiva de que ainda estamos vivendo em uma modernidade (BERMAN, 1993), quer nos coloquemos na mesma linha defendida por autores que constataam a existência de uma pós-modernidade, é preciso reconhecer que as intensas transformações vividas nos últimos anos, não se limitam apenas aos campos mais evidentes da vida humana – como trabalho e tecnologia – mas também incidem na própria representação da vida, seja ela individual ou coletiva (TOURAINÉ, 2006). De forma que corpo e identidade assumem nova significação nesse contexto.

Segundo Bauman (2001) o que caracteriza o mundo nesse novo momento da modernidade é justamente a sua fluidez, uma modernidade líquida, quando comparado ao período anterior. A rigidez do mundo fordista e a intensa previsibilidade inerente ao mercado que se observaram no modelo do *Welfare State* entram em colapso e são substituídos por uma sociedade marcada pela inconstância – um quase estado de liquidez – ou como já anunciava MARX, um mundo onde sólidos se desfazem.

Nas palavras de Touraine (2006), vivemos o fim de um modelo onde cada indivíduo cumpre uma função. O estudo de Bauman (2001) pretende dar conta justamente do impacto que causa esse admirável mundo da fluidez na condição humana. Hall (2002:9), que também se volta para esse processo, reconhece a falência das identidades tradicionais como “classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tenham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”.

Ademais, é preciso considerar que as alterações observadas no mundo do trabalho não dizem respeito unicamente ao número de postos de trabalho ou mesmo a (in)formalidade das relações trabalhistas. Para além desse quadro é importante

reconhecer os gigantescos impactos que essas mudanças acarretaram na vida das pessoas e, principalmente, nas relações de poder que se desenvolvem no âmbito familiar.

Castells (2008) aponta como significativa mudança o enfraquecimento da autoridade masculina. Segundo esse autor, a saída da mulher para o mundo do trabalho – podendo inclusive ter um rendimento maior do que o próprio homem – o aumento de famílias monoparentais chefiadas por mulheres, o impacto do movimento feminista são algumas das circunstâncias que minam esse pátrio poder. Se antes o amor – e aqui também podemos pensar o casamento – representava uma vida na vida da mulher como diria Costa (2004) é possível pensar que esse campo hoje enfrenta maiores concorrências pela atenção da mulher. Assim, como apontou Castells (2008:173) a “dificuldade em compatibilizar casamento, trabalho e vida” tem como consequência a crise do matrimônio que hoje se observa.

Essas novas configurações já vêm sendo apontadas e podem ser facilmente percebidas no filme “Mulheres Perfeitas” através da personagem Joanna, a mulher bem sucedida, ganhando mais que o marido. Fundamental também é analisar o personagem Walter Kresby, marido de Joanna: ele, sempre apoiando a esposa, foge da imagem do grande homem. Uma fala deste personagem chama a atenção por evidenciar os efeitos desses novos arranjos sociais no casamento:

Desde que nos conhecemos você sempre me venceu. Tem mais estudo, é mais forte, mais rápida, dança melhor, joga tênis melhor. Sempre ganhou no mínimo seis vezes mais do que eu podia sonhar. É melhor nos discursos e como executiva. É melhor até no sexo (...) Todos nós casamos com mulheres maravilhas, supergatas, rainhas amazonas! Sabe o que isso nos torna? Nós somos os fracotes, o vento sob suas asas, seu sistema de apoio. Somos a mulherzinha! (MULHERES PERFEITAS, 2004).

Isso nos mostra que se no passado imperava a lógica machista, segundo a qual atrás de um grande homem sempre havia uma grande mulher, hoje observamos que a recíproca nem sempre é possível sem algum tipo de dor. Assim, percebemos um quadro de intensas mudanças que nos leva a uma “sociedade que tornou incerta e transitória as identidades sociais” (BAUMAN, 2005: 12).

A idéia de modernidade líquida utilizada por Bauman (2001) caracteriza a cultura do acúmulo voltado para as coisas não palpáveis e menos concretas. Diante da fluidez desse tempo, vivemos em uma sociedade que cultua o corpo, e esse corpo precisa estar preparado para ser mostrado no espetáculo chamado sociedade. “O

espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana - isto é, social - como simples aparência”. Mas a crítica que se atinge a verdade do espetáculo o descobre como negação visível da vida; como negação da vida que se tornou visível (DEBORD, 1997:12).

Debord (1997) é o autor que pensa a sociedade atual e a caracteriza como a sociedade do “espetáculo”. Ao refletir sobre esta metáfora, sustenta a idéia de que a onipresença dos meios de comunicação de massa e suas encenações espetaculares ampliavam a coisificação e a reificação dos corpos. Sob esta perspectiva, ressalta que as relações na sociedade atual estão descritas por uma relação social dominada por imagens, signos e inautenticidade, sociedade da “imagem” ou “do espetáculo”. Esta metáfora é uma das vastas expressões cunhadas por diversos autores para designar o estágio da sociedade atual.

Nesse debate é interessante ainda que pensar a importância do corpo – aqui compreendido como um espaço de poder e, conseqüentemente de disputa. Por isso é importante reconhecer a existência de uma hierarquia (qual corpo é mais valorizado em nossa sociedade) e disciplinamento (como deve se portar) dos corpos (FOUCAULT, 1987).

O corpo é um dos temas mais discutidos no mundo contemporâneo, sendo objeto de estudo cada vez mais freqüente nas ciências humanas e sociais e palco desta sociedade espetacular que ora definimos acima. A importância dada ao corpo, no nosso tempo, contrapõe-se ao ofuscamento a que estava submetido no passado; fenômeno verificado principalmente na seqüência da inversão de valores, baseado nos ideais de consumo e de culto ao corpo.

Alguns autores como Adelman e Ruiggi (2007) apontam que “a construção de noções normatizadas de aparência e beleza tem um vínculo muito particular com o modo de vida urbano e moderno, no qual cada indivíduo precisa mostrar aos outros ‘aquilo que é’” (ADELMA; RUIGGI, 2007:40).

Uma matéria publicada pela Revista Veja em maio de 2004, intitulada “O poder da forma”, afirma que em nossa sociedade a aparência se tornou fundamental, decidindo o sucesso ou o fracasso das pessoas nos dias atuais. E é essa aparência ideal que padronizam os corpos fabricados pelo mercado da estética.

O corpo se torna mais evidente em nossa sociedade através do poder publicitário da mídia – não podemos desconsiderar que, se há cinquenta anos um corpo em lingerie era visto no âmbito privado, hoje esse corpo estampa *outdoors* em ruas de grande

circulação – e das novas tecnologias. O corpo traz dialéticas de algo que se esconde, mas que ao mesmo tempo se exhibe – a lógica presente na sociedade do “espetáculo” de Debord (1997). Ainda há tabus e interjeições, no entanto, é possível pensar que nessa disputa a exibição está levando vantagem no mercado consumidor.

O nosso olhar, fabricado na cultura visual do final do século XX, parece acostumado com os corpos femininos que vendem produtos, lugares, modos de ser. Corpos femininos idealizados povoam as capas de revistas de moda, nas quais personalidades famosas ditam as regras de um 'corpo perfeito'. Nas revistas 'femininas' ensina-se como buscar o tão sonhado corpo de top model, enquanto nas revistas 'masculinas' os mesmos corpos são oferecidos para o deleite visual dos homens. A mídia brasileira, principalmente em propagandas endereçadas ao público masculino, como as campanhas de marcas de cerveja, celebram e naturalizam um corpo feminino sem voz, um corpo-objeto do olhar. Que corpo é esse que querem nos vender? De que forma nos constituímos como mulheres perante esses corpos-objetos do olhar masculino? Essas imagens supõem um espectador masculino, um lugar de sujeito que ocupamos (mulheres e homens) de forma quase óbvia e natural, sem questionar ou pensar em outras possibilidades de ver”. (LAPONTE, 2002:290)

Voltando ao filme, é interessante apontar que o corpo é a evidência primeira da perfeição feminina. Todas as mulheres de Stepford são loiras, possuem a voz suave e desfilam em femininos vestidos florais. Em determinado momento do filme nos é apresentada a justificativa para essa perfeição. Stepford possui um “Sistema de Aperfeiçoamento de Mulher”, um equipamento baseado na “nanotecnologia” que não apenas coloca “nanochips” que garantem a “personalidade adequada” como também modela o corpo a fim de atinja as “especificações ideais da mulher de Stepford”.

Silva e Goellner (2007:82) apontam uma nova tendência no uso de tecnologias resultando em uma cientifização do corpo – como exemplo citam supermodelos e atletas - como um novo eugenismo. Neste sentido, “vemos a ciência percorrendo uma direção eugênica, porém um eugenismo contemporâneo que não mais exclui com a morte os não arianos. O novo eugenismo traz uma proposta de inclusão pautada na idéia do artifício, em que o corpo não precisa ter a melhor bagagem genética” (SILVA; GOELLNER 2007:82).

O filme mostra justamente a utilização de tecnologias avançadas atuando no corpo feminino. Os homens de Stepford não tinham um físico perfeito como era de esperar, mas ainda assim, o corpo feminino precisa estar nos moldes ideais. Aqui temos a manutenção do mito de Pigmaleão – o escultor que decepcionado com as mulheres resolve criar a mulher perfeita e por ela se apaixona. E quem lembra o nome que

recebeu a estátua? A pobre Galatéia é geralmente lembrada simplesmente como a obra prima de Pigmaleão.

Assim, Joanna chega a Stepford ainda carregando o estereótipo de uma mulher bem sucedida: roupas pretas, cabelos curtos. Ou seja, o oposto que as mulheres perfeitas da cidade representam. A diferença entre Joanna e as perfeitas mulheres de Stepford transborda ao longo do filme. Após uma discussão com seu marido Joanna reconhece que se tornou “o tipo errado de mulher”. Aqui, mais importante do que pensar qual seria o tipo certo de mulher é perceber que existe uma classificação em torno de um modelo ideal de mulher.

Após essa constatação, Joanna decide se tornar o tipo certo de mulher. A primeira alteração se dá pelas roupas, a cor preta é substituída por vestidos florais. Ao final do filme, após aparentemente passar pelo Sistema de Aperfeiçoamento de Mulher, surge a nova Joanna, agora sim adequada aos padrões de Stepford. É fato que hoje vivenciamos intensas transformações nas diversas esferas da vida social e humana que mudam a maneira pela qual percebemos (e nos relacionamos) com os outros e com nós mesmos. Dando continuidade a nossa análise, utilizaremos o conceito de comunidade de Bauman (2001) para pensarmos Stepford e os diferentes mecanismos de sociabilidades que podemos apontar a partir da leitura crítica do filme.

“Comunidade, Identidade, Estabilidade”

O título acima foi tomado emprestado do slogan cunhado por Aldous Huxley que definia a sociedade descrita em **Admirável Mundo Novo**. De fato, a leitura da obra nos permite perceber o quanto essas três palavras definem bem o mundo de Huxley: uma comunidade coesa, onde cada indivíduo estava – nas palavras de Hall (2002) – inegavelmente costurado à estrutura através da identidade. E por fim, a inequívoca estabilidade garantida por essa estrutura. Esse tripé garantia a harmonia no Mundo Novo, onde se encontra “o segredo da felicidade e da virtude – gostar daquilo que se tem que fazer. Este é o propósito de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social do qual não podem escapar” (HUXLEY, 1969: 37).

Essa breve utilização do mundo descrito por Huxley serviu para pensarmos a comunidade em um contexto onde a rigidez fordista foi levada a extremos. No entanto, que alterações o estágio atual da sociedade pode acarretar ao conceito de comunidade?

Segundo Bauman (2001), no mundo marcado pela liquefação e pela imprevisibilidade há uma disputa entre segurança e liberdade. Segundo esse

pensamento, a liberdade não é possível em um mundo que preza a segurança (o que nos remete inevitavelmente a estabilidade castradora observada em Admirável Mundo Novo). Na modernidade líquida, a liberdade ganhou a disputa, e com isso, a segurança foi sacrificada por algo que passou a ser entendido como um bem mais precioso – não nos esqueçamos que são os turistas que se configuram enquanto heróis desse contexto (BAUMAN, 1998). No entanto, Bauman (2001) reconhece que a felicidade obtida sem a segurança – ou talvez o termo estabilidade aqui, seja o mais correto – sempre corre o risco de ser demasiadamente efêmera.

É nessa arena entre liberdade e segurança / liquidez e solidez que percebemos a contradição em torno das comunidades. Ainda de acordo com o autor, a comunidade hoje representa “a última relíquia da boa sociedade de outrora; é o que sobra dos sonhos de uma vida melhor; compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo regras de convívio” (BAUMAN, 2001:123).

Talvez possamos pensar que algo do que é sólido ainda seduz a leveza. Assim também nos é apresentada a comunidade de Stepford para onde a família de Joanna se muda na tentativa de resgatar aquilo que foi perdido na vida urbana. É a personagem Claire Wellington, interpretada pela atriz Glenn Close, quem resume o que é Stepford: “um paraíso da família de Connecticut [onde] não tem crime, nem pobreza, nem estresse”.

Porém, muito mais do que isso, Stepford é também um local onde a construção de identidades passa também por um modelamento dos corpos. Importante ressaltar que, seguindo a mesma perspectiva de Castells (2008) compreendemos a diferença entre papéis sociais e identidade, onde o primeiro corresponderia a função socialmente definida para os indivíduos (como o papel de esposa, pai, filho). No entanto, consideramos que, a partir do momento que o indivíduo atribui sentido a esse papel, passando a nortear suas ações, este pode sim ser uma fonte de identidade.

O exemplo disso está no trecho da película em que Claire Wellington, uma cientista brilhante que mata o marido ao descobrir que enquanto alcançava o sucesso profissional era trocada por uma jovem loira, revela que decidiu criar um “um mundo melhor onde os homens fossem homens e as mulheres fossem carinhosas e adoráveis (...) um mundo de romance e beleza, de smokings e chiffon. Um mundo perfeito. (...) Eu só queria transformar vocês em mulheres perfeitas” (MULHERES PERFEITAS, 2004).

Aqui uma observação se faz necessária: todo o filme remete a visão de que as mulheres bem sucedidas geralmente são infelizes no casamento (visão essa

constantemente reforçada por revistas destinadas ao público feminino como bem demonstrou Swain, (2001). Esse, na verdade, é um discurso bem presente: até é possível que uma mulher chegue ao sucesso – o sucesso no mundo, na “dita” arena masculina – mas é fato de que haverá um preço a ser pago⁴. Assim, Claire resolve “retroceder o relógio a uma época antes da hora-extra, antes de as mulheres estarem transformando a si mesmas em robôs” e cria Stepford, um local que tentaria resgatar as identidades amarradas a papéis sociais de homem/marido e mulher/esposa.

Segundo Bauman (2001) a comunidade não se dá unicamente pela agregação dos que são iguais, mas sim através da ênfase e reafirmação das semelhanças. Assim podemos pensar que os mecanismos de sociabilidade são fundamentais nesse processo. Stepford também possui seus espaços e mecanismos de sociabilidade, que seriam reconhecidos na Associação de Homens de Stepford e no SPA Diário de Stepford.

Interessante apontar que a instância de sociabilidade das mulheres se caracteriza justamente por ser um lugar onde se busca a beleza. Assim, as mulheres praticam “exercícios baseados em simples tarefas domésticas” – como, por exemplo, o movimento de uma máquina de lavar –, ou discutem no clube de leitura um livro que ensina a fazer lembranças e coleções de Natal, enquanto os homens permanecem na Associação de Homens, fumando seus charutos e realizando pequenos jogos.

Aqui é possível nos remetermos ao estudo realizado por Welzer-lang (2001) que abordando o tema das sociabilidades – em especial a masculina – utiliza o conceito “casa dos homens” cunhado por Maurice Godelier para designar os espaços onde se aprende a ser homem. Novamente o filme é generoso de exemplos nesse sentido. O mais significativo talvez seja do casal homossexual Roger Bannister e Jerry Harmon – o primeiro tendo assumido uma identidade mais estereotipada em torno da homossexualidade e já o segundo apresentaria uma postura mais conservadora.

É interessante notar que como bem apontou Welzer-lang (2001), mesmo entre uma relação vivida por pessoas do mesmo sexo – que é o caso da homossexualidade – ainda assim é possível pensar em dominação masculina. Assim, podemos notar que Jerry, por ser mais conservador, a todo instante reprime as ações de seu companheiro que, no final também receberá um nanochip, tendo assim sua personalidade alterada. Assim, podemos concluir que as relações configuram espaços de disputa e não devemos

⁴ A Revista CLÁUDIA de Outubro de 2005 traz em sua capa uma interessante chamada: **Até onde as mulheres querem chegar na carreira? O preço que estamos – e não estamos – dispostas a pagar.** Aqui novamente vemos reforçada a idéia de que há sempre um preço a ser pago pelas mulheres que decidem se aventurar por caminhos dominados por homens.

nos deixar levar pela simplicidade do pensamento de que as relações homossexuais estão fora dessa arena de poder.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou trazer algumas considerações para o debate de gênero – apresentando uma análise para a questão do corpo, suas hierarquias e modelamento. No entanto, tivemos a intenção de identificar essas questões no contexto da sociedade atual frente às profundas alterações no mundo do trabalho, às novas tecnologias, entre outras questões. Não obstante, no campo privado, essas modificações resultaram nas transformações das relações da vida íntima que também mudaram, não apenas no que se refere à maneira como o indivíduo se relaciona com o outro, mas também a maneira pela qual cada um se percebe.

A personagem Joanna, talvez possa servir como indicativo de como é difícil as mudanças serem vividas – uma mulher de sucesso, mas que enfrenta a fragilidade do casamento. Esse é um quadro que vem sendo “pintado” muito frequentemente, como se de fato a mulher precisasse escolher qual área de sua vida receberá maior atenção. Se no passado o patrimônio era a herança paterna, dificilmente podemos pensar que hoje o matrimônio poderia ser encarado como o único legado da mulher⁵.

Da mesma forma, o atual estágio da sociedade também traz impactos para o corpo – seus reflexos estão demarcados pela tecnologia, que tanto faz com que a imagem do corpo seja mais facilmente compartilhada, quanto “metamorfoseia” e age no sentido de moldar esse corpo aos padrões ditados por esta sociedade. Uma fala de Joanna no filme chama a atenção. Após perder o emprego ela se pergunta: “Mas se eu não sou a mais inteligente e a melhor e a mais bem sucedida então eu não sei... Quem eu sou?”

Como se definir nesse mundo líquido? Essa talvez seja a questão que faz com que a solidez pareça tão tentadora: o sentimento de pertença, de saber quem se é. Aqui a existência de Stepford se justifica como uma possibilidade de refúgio. Stepford se apresenta como um paraíso frente a essa liquidez ameaçadora, no entanto, há um preço a pagar. É, de fato, a liberdade em detrimento da segurança. É impossível ter os dois e

⁵ Aqui fazemos uma pequena observação quanto a um dos significados da palavra patrimônio que designa, segundo o DICIONÁRIO AURÉLIO (1986), a herança paterna, ao passo que o matrimônio diz respeito ao casamento. Assim, observando esses significados podemos pensar que a herança do homem representa a fortuna enquanto que a da mulher as bodas.

sabemos o quão difícil é essa escolha. Aqui a pergunta de Millan Kundera apresenta todo seu drama: então o que escolher? O peso ou a leveza?

Referências

ADELMA M. & RUIGGI, L. Corpo, identidade e a política da beleza. **Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero** – v.7, n.2 (1. sem.2000) Niterói: EdUFF, 2007.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

CARELLI, Gabriela. “A beleza e o estilo ganham centro das atenções no mundo de hoje e influenciam a economia, o comportamento e a cultura”. In: **O poder da forma. Veja**, Editora Abril. Edição: 1855, ano 37, 26 maio de 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6ª ed. São Paulo, Paz e Terra: 2008.

COSTA, J.F. **Ordem médica e norma familiar**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

DEBORD, Guy, 1931-1994. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu - Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

FORMIGA, S. Um corpo que cai: a reificação dos corpos pela publicidade. **Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero** – v.2, n.2 (1. sem.2000) Niterói: EdUFF, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A ed. 2002.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. Rio de Janeiro: DINAL, 1969.

KUNDERA, M. **A insustentável leveza do ser**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LAPONTE, Luciana Grupelli. **Sexualidade, artes visuais e poder:** pedagogias visuais do feminino. Revista Estudos feministas, julho/dezembro de 2002, vol. 10, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso: 10/07/2008.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta J. M.; MEYER, Dagmar E. & WALDOW, Vera R. (orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes médicas.

MULHERES PERFEITAS. OZ, Frank: Paramount Pictures, DVD. 115 min. 2004.

PAULINA, I. “Até onde as mulheres querem chegar na carreira? O preço que estamos – e não estamos – dispostas a pagar”. In: revista **Cláudia**, Editora Abril S.A. Outubro de 2005.

SILVA, A.L.S. & GOELLNER, S.V. Universo biotecnológico e fronteiras partidas: esporte, gênero e novo eugenismo. IN: **Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero** – v.7, n.2 (1. sem.2000) Niterói: EdUFF, 2007.

SIMMEL, G. A metrópole a vida mental: o fenômeno urbano. In: VELHO, O. (org). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, E. Jorge Zahar, 1987.

SWAIN, T.A. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas femininas. **São Paulo em Perspectiva**. 15(3):67-81, jul.- set. 2001.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma: para compreender o mundo hoje**, 2ª ed, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

VELOSO, Renato; BEZERRA, Vanessa. Gênero e Sociedade: Uma Breve introdução à dimensão de gênero nas relações sociais. Revista **Teoria e Sociedade**. v. 1, n. 12, p. 106-125, 2004.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobias. Revista **Estudos Feministas**, ano 9, 2001.

Artigo recebido: 07/09/08

Artigo aceito: 10/12/08